



Envio dos Missionários da Misericórdia

2016-02-10-ppcne1



Da homilia do Santo Padre: « No início do caminho quaresmal, a Palavra de Deus dirige à Igreja e a cada um de nós dois convites. O primeiro é o de São Paulo: “Deixai-vos reconciliai-vos com Deus!” (2Cor 5,20). Não é simplesmente um bom conselho paternal, nem sequer apenas uma sugestão; trata-se de uma verdadeira súplica em nome de Cristo: “Em nome de Cristo, vos suplicamos: deixai-vos reconciliar com Deus!”. Porquê um apelo tão solene e sincero? Porque Cristo sabe quanto somos frágeis e pecadores, conhece a fragilidade do nosso coração; vê-o ferido pelo mal que cometemos e sofremos; sabe o quanto precisamos de perdão, sabe que precisamos de nos sentir amados para fazer o bem. Sozinhos, não somos capazes: por isso, o Apóstolo não pede que façamos algo, mas que nos deixemos reconciliar com Deus, para lhe permitir que nos perdoe, com confiança, porque “Deus é maior do que o nosso coração” (1Jo 3,20). Ele vence o pecado e tira-nos da miséria, quando Lha confiamos. Somos nós que temos de reconhecer que precisamos de misericórdia: é o primeiro passo do caminho cristão; trata-se de entrar pela porta aberta que é Cristo, onde Ele mesmo, o Salvador, nos espera e nos oferece uma vida nova e alegre.

Pode haver alguns obstáculos, que fecham as portas do coração. Há a tentação de blindar as portas, ou seja, de conviver com o próprio pecado, minimizando-o, justificando-se sempre, pensando que não somos piores do que os outros; mas assim cerram-se as fechaduras da alma e ficamos fechados do lado de dentro, prisioneiros do mal. Outro obstáculo é a vergonha de abrir a porta secreta do coração. A vergonha é, efetivamente, um bom sintoma, porque indica que desejamos separar-nos do mal; no entanto, nunca deve transformar-se em receio ou medo. E existe uma terceira insídia, a de nos afastarmos da porta: acontece, quando nos encafuamos nas nossas misérias, quando matutamos continuamente, unindo as coisas negativas entre si, a ponto de nos afundarmos nos meandros mais obscuros da alma. A este ponto, até mesmo da tristeza que não queremos nos tornarmos familiares, desanimamos e ficamos mais frágeis diante das tentações. Isto acontece porque ficamos sozinhos connosco mesmos, fechando-nos e evitando a luz; contudo, só a graça do Senhor nos liberta. Então, deixemo-nos reconciliar, escutemos Jesus que diz a quem se sente

cansado e oprimido: “vinde a mim” (Mt 11,28). Não permaneçamos em nós mesmos, mas vamos ter com Ele! Lá há alívio e paz.

Nesta celebração estão presentes os Missionários da Misericórdia, para receber o mandato de ser sinais e instrumentos do perdão de Deus. Caros irmãos, que vós possais ajudar a abrir as portas dos corações, a superar a vergonha e a não fugir da luz. Que as vossas mãos abençoem e aliviem com paternidade os irmãos e as irmãs; que através de vós o olhar e as mãos do Pai pousem sobre os filhos e curem as suas feridas!

Há um segundo convite de Deus que diz, por intermédio do profeta Joel: “Voltai a mim com todo o vosso coração” (2,12). Se é preciso voltar, é porque nos afastamos. É o mistério do pecado: afastamo-nos de Deus, dos outros, de nós mesmos. Não é difícil dar-se conta disto: todos nós vemos como temos dificuldade em confiar em Deus, verdadeiramente e sem medo; como é duro amar o próximo, em vez de pensar mal dele; quanto nos custa agir para o nosso verdadeiro bem, enquanto somos atraídos e seduzidos por muitas realidades materiais, que desvanecem e por fim nos empobrecem. Ao lado desta história de pecado, Jesus inaugurou uma história de salvação. O Evangelho que inaugura a Quaresma convida-nos a ser protagonistas dela, abraçando três recursos, três medicamentos, que curam do pecado (cf. Mt 6,1-6.16-18).

Em primeiro lugar, a oração, expressão de abertura e de confiança no Senhor: é o encontro pessoal com Ele, que abrevia as distâncias criadas pelo pecado. Rezar significa dizer: “Não sou autossuficiente, preciso de ti, Tu és a minha vida e a minha salvação”. Em segundo lugar, a caridade, para superar que nos sintamos estrangeiros em relação aos outros. Com efeito, o verdadeiro amor não é um gesto exterior, não é dar algo de modo paternalista para sossegar a consciência, mas é acolher quem tem necessidade do nosso tempo, da nossa amizade e da nossa ajuda. É viver o serviço, vencendo a tentação de nos satisfazermos. Em terceiro lugar, o jejum, a penitência, para nos libertarmos das dependências daquilo que passa e para nos treinarmos em ser mais sensíveis e misericordiosos. É um convite à simplicidade e à partilha: tirar algo da nossa mesa e dos nossos bens, para voltar a encontrar o verdadeiro bem da liberdade.

“Voltai a mim – diz o Senhor – voltai com todo o coração”: não somente com um ou outro gesto exterior, mas do fundo de nós mesmos. Efetivamente, Jesus chama-nos a viver a oração, a caridade e a penitência com coerência e autenticidade, superando a hipocrisia. Que a Quaresma seja um tempo de benéfica “poda” da falsidade, da mundanidade e da indiferença: para não pensarmos que tudo está bem se eu estou bem; para compreendemos que o que conta não é a aprovação, a busca do sucesso ou do consentimento, mas a purificação do coração e da vida; para voltarmos a encontrar a identidade cristã, ou seja o amor que serve, não o egoísmo que se serve. Coloquemo-nos a caminho juntos, como Igreja, recebendo as Cinzas - também nós voltaremos a ser cinza – mantendo fixo o olhar no Crucifixo. Ele, amando-nos, convida-nos a deixar-nos reconciliar com Deus e a voltarmos a Ele, para nos reencontrarmos a nós mesmos».